

**DINÂMICA DE GRUPOS SUBJECTIVA: O PAPEL DA TIPICIDADE NOS JULGAMENTOS DE MEMBROS  
NORMATIVOS E DESVIANTES**

**Rui G. Serôdio - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto**

**Isabel R. Pinto - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto**

**Miguel Cameira - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto**

**José M. Marques - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto**

**Palavras chave:** Dinâmica de Grupos Subjectiva, Identidade Social, Focalização Descritiva e Focalização Prescritiva

Recentemente, procurando articular a teoria e investigação da abordagem clássica da dinâmica dos pequenos grupos (e.g. Cartwright & Zander, 1968) e da abordagem da identificação social (teoria da identidade social e teoria da auto-categorização; Tajfel, 1978; Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell, 1987), Marques e colegas (e.g. Marques, Abrams, Páez & Hogg, 2001; Marques, Abrams & Serôdio, 2001; Marques, Páez & Abrams, 1998; Marques & Serôdio, 2000) propuseram um modelo da dinâmica de grupos subjectiva. Este modelo pretende descrever como a diferenciação intragrupal é um meio através do qual os indivíduos podem sustentar as suas crenças numa diferenciação intergrupala positiva. Aqueles autores propõem a distinção entre focalização descritiva e focalização prescritiva nos julgamentos dos grupos e dos seus membros. Enquanto que, por um lado, diferenciação intergrupala implicaria uma focalização descritiva, isto é, a ênfase nos atributos que permitem o estabelecimento de fronteiras intergrupais claras como mecanismo de redução da incerteza acerca das diferenças intergrupais e das pertenças grupais. Por seu turno, focalização prescritiva implicaria a ênfase nos atributos endogrupais que permitem a diferenciação entre membros que se alinham pelas normas prescritivas e membros que se desviam dessas normas, e resultaria da motivação dos membros de um grupo para manterem a validade subjectiva das suas crenças numa identidade social positiva. Em suma, se a focalização descritiva permite a definição das fronteiras intergrupais, a focalização prescritiva sustenta os julgamentos com base no que os indivíduos acreditam que deve ser consistente com uma pertença endogrupal distintiva e positiva (cf. Abrams, Marques, Bown & Henson, 2000). O julgamento de membros normativos e de membros desviantes faz, portanto, parte deste processo.

Embora a teoria da auto-categorização seja uma importante fonte de sustentação teórica do modelo da dinâmica de grupos subjectiva, a ideia geral brevemente apresentada acima não está em perfeita sintonia com os pressupostos daquela teoria. De acordo com a teoria da auto-categorização, os indivíduos preferem membros típicos de um grupo do que membros atípicos porque, por definição, enquanto os primeiros contribuem para a clareza das fronteiras intergrupais, os últimos tendem a esbater essas fronteiras. Contudo, por definição membros endogrupais típicos são descritivamente mais representativos do seu grupo do que os membros atípicos. Como resultado, o desvio exibido por membros típicos do endogrupo provavelmente desencadeará uma focalização prescritiva mais forte do que o desvio exibido por membros menos representativos do endogrupo. Neste contexto, podemos esperar que os indivíduos derroguem mais fortemente membros típicos do endogrupo, mas prescritivamente desviantes, do que membros igualmente desviantes mas que sejam atípicos do endogrupo. Os membros desviantes do exogrupo, sejam típicos ou atípicos, são, por definição menos relevantes para a manutenção da identidade social dos indivíduos e, conseqüentemente, deveriam ser menos derrogados.

Com o objectivo de testar a distinção entre focalização descritiva e focalização prescritiva e o seu papel nos julgamentos de membros normativos e desviantes do endogrupo ou do exogrupo, realizámos dois estudos experimentais utilizando o paradigma dos grupos mínimos na categorização social dos participantes. Em ambos os estudos manipulámos a pertença categorial (Endogrupo vs. Exogrupo) e a tipicidade (Elevada Tipicidade vs. Baixa Tipicidade no seu grupo) dos membros-alvo. Os resultados indicaram, em ambos os estudos, que os participantes julgaram mais favoravelmente o endogrupo do que o exogrupo enquanto todo, e que julgaram mais positivamente os membros normativos endogrupais e derrogaram mais fortemente os membros desviantes endogrupais comparativamente com os membros equivalentes do exogrupo. Contudo, como previsto, este efeito apenas se verificou na condição Elevada Tipicidade. Isto é, a derrogação dos desviantes endogrupais foi mais forte quando estes desviantes apresentaram simultaneamente características típicas do endogrupo. No segundo estudo verificámos, entre outros resultados, que apenas na condição Endogrupo/Elevada Tipicidade quanto mais negativa é a reacção emocional à presença do desviante mais fortemente ele é derrogado.

Os resultados obtidos parecem suportar a ideia de que membros endogrupais típicos podem ser percebidos como representando uma maior ameaça para o grupo do que membros menos típicos. Por outras palavras, aqueles alvos que estão em melhor posição para contribuir para a diferenciação positiva do endogrupo em relação ao exogrupo são também aqueles que são mais derrogados quando são desviantes em relação a um standard prescritivo. Tal parece ser consistente com a operação conjunta de uma focalização descritiva e outra prescritiva nos julgamentos de membros normativos ou desviantes.

**Referências**

- Cartwright, D., & Zander, A. (1968). *Group Dynamics*. Londres: Tavistock.
- Marques, J. M., Abrams, D., Páez, D., & Hogg, M. A. (2001). Social categorization, social identification, and rejection of deviant group members. In M. A. Hogg & R. S. Tindale (Eds.), *Blackwell Handbook of Social Psychology: Group Processes*. Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.
- Marques, J. M., Abrams, D., Páez, D., & Taboada, C. M. (1998). The role of categorization and ingroup norms in judgments of groups and their members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 976-988.
- Marques, J. M., Abrams, D., & Serôdio, R. G. (2001). Being better by being right: Subjective group dynamics and derogation of in-group deviants when generic norms are undermined. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 436-447.

Marques, J. M., & Páez, D., & Abrams, D. (1998). Social identity and intragroup differentiation as subjective social control. In S. Worchel, J. F. Morales, D. Páez & J. C. Deschamps (Eds.), *Social Identity: International Perspectives*. Londres: Sage Publications Ltd.

Marques, J. M., & Serôdio, R. G. (2000). Identité sociale, rejet des déviants et maintien de la cohésion sociale. Em J.-L. Beauvois, J.-M. Monteil, & R. V. Joulé (Eds.), *Perspectives Cognitives et Conduites Sociales*, Vol. 7. Grenoble: P.U.G.

Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations*. Londres: Academic Press.

Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Londres: Blackwell.